

A função ética da catequese mistagógica

The ethical function of mystagogic catechesis

*Abimar Oliveira de Moraes
Sérgio Gonçalves Mendes*

Resumo

Este artigo objetiva, à luz da proposta do presente dossiê – Pluralidades e convergências na Teologia Moral hodierna –, apresentar algumas perspectivas catequéticas que estão intimamente relacionadas com a formação ética cristã, em nossas comunidades de fé. Tomando como fundamento o adágio atribuído a Próspero de Aquitânia acerca das interrelações entre *lex orandi*, *lex credendi* e *lex vivendi*, o artigo pretende analisar como a Mistagogia precisa ser entendida e praticada como experiência ética do Mistério de Cristo, dentro dos processos de Iniciação à Vida Cristã promovidos pela comunidade cristã-católica. O artigo está construído em três pontos: 1) considerar o lugar da formação ética na história dos processos iniciáticos cristãos; 2) interrelacionar a formação ética com a catequese mistagógica proposta pela comunidade de fé; e 3) propor que a Mistagogia seja entendida e praticada, não somente em sua dimensão litúrgico-sacramental, mas também, em sua dimensão existencial-ética. Neste sentido, o artigo intenciona destacar que a dissociação entre fé celebrada, professada e vivida pode ser superada mediante uma revisão da compreensão do que é a Mistagogia nos processos iniciáticos cristãos e o incremento da sua valência ética.

Palavras-chaves: Ética cristã. Iniciação à Vida Cristã. Catequese Mistagógica.

Abstract

This article aims, in the light of the proposal of the present dossier – Pluralities and convergences in today's Moral Theology –, to present some catechetical perspectives that are closely related to Christian ethical formation

in our faith communities. Based on the adage attributed to Prospero of Aquitaine about the interrelationships between *lex orandi*, *lex credendi* and *lex vivendi*, the article aims to analyze how Mystagogy needs to be understood and practiced as an ethical experience of the Mystery of Christ, within the processes of Christian Initiation promoted by the Christian-Catholic community. The article is built on three points: 1) consider the place of ethical formation in the history of Christian initiation processes; 2) to interrelate ethical formation with the mystagogical catechesis proposed by the faith community; and 3) to propose that Mystagogy be understood and practiced, not only in its liturgical-sacramental dimension, but also in its existential-ethical dimension. In this sense, the article intends to highlight that the dissociation between celebrated, professed and lived faith can be overcome through a review of the understanding of what Mystagogy is in Christian initiation processes and the increase of its ethical valence.

Keywords: Christian Ethics. Christian Initiation. Mystagogic Catechesis.

Introdução

A proposta salvífica cristã envolve toda a vida, todos os estratos da personalidade de uma pessoa. Ela é uma realidade profundamente unitária e unificante, uma vez que busca fazer com que o “sim” da inteligência, do coração e da prática sejam um só e único “sim” de fé. Neste sentido, a ética cristã não é a condição para que o reinado de Deus aconteça, mas o sinal visível de que este reinado está entre nós e de que produz frutos. Cristãos e cristãs são convidados a reconhecer, cheios de amor, o quantos são amados pelo Deus de Jesus Cristo, fazendo com que seu empenho ético seja a saudação alegre da proximidade do Senhor.

Em Catequética, para indicar esta íntima compenetração entre o saber e o agir da fé, tem-se falado de integração entre fé e vida. Neste contexto, vida significa toda a complexidade da existência humana, com todas as suas dimensões, experiências, problemas, afetos, inteligência, dentre outros. A integração entre fé e vida é uma particular assimilação da Boa Nova que traduz a experiência salvífica cristã na vida cotidiana. A fé cristã integrará a vida na medida em que se torna o centro dinâmico da edificação da pessoa, tornando-se a luz de Deus na vida desta pessoa.

A experiência ética apresenta-se, assim, como uma das dimensões mais significativas do crer cristão. Portanto, a compenetração entre ambas as realidades, a assunção da vida como um “sim” dirigido a Deus, em Jesus Cristo, é um dos aspectos mais importantes da integração entre fé e vida, cume de todo o processo de Iniciação à Vida Cristã.

A fé, entendida como intencionalidade cristã fundamental, inspira o empenho ético dos que creem em Cristo, fazendo com que a experiência ética seja a expressão concreta da autocompreensão da fé cristã. A fé, enquanto escolha livre de cada pessoa, é uma realidade complexa feita de capacidade em confiar, abertura ao outro, gestão responsável da própria vida, escolhas profundas e unificantes que dão sentido à toda vida. Isto significa que a autenticidade da fé cristã, em seu progressivo caminho de crescimento verso a plenitude da maturidade, está correlacionada com o crescimento ético de uma pessoa.

Os conteúdos da fé tornam-se mais ricos, mais concretos, mais adquiridos, quando traduzidos na vida, numa espécie de círculo hermenêutico que une o celebrar, o saber e o agir da fé cristã. Liturgia, fé e ética são perspectivas diversas de uma mesma realidade: o Mistério da liberdade humana habitada pelo Espírito de Cristo. Tal Mistério de Cristo encontra na ética a sua manifestação de fecundidade mais profunda. Compreendendo isto e querendo significar isto é que no cenário pastoral brasileiro tem se insistido sobre o termo “Iniciação à Vida Cristã”.

Contudo, quando falamos de função ética da catequese, muitos são os que acham que isto tenha relação com o ensinar aquilo que devemos obedecer (os dez mandamentos e os mandamentos da Igreja) e aquilo que devemos evitar (os pecados). O que não se percebe é que, nessa concepção, os demais conteúdos da fé, expressos especialmente no Credo, não teriam propriamente um valor ético. De fato, para muitos o termo ética não designa mais do que um conjunto de deveres e proibições determinadas pelo Magistério da Igreja; e a catequese se reduziria basicamente ao ensino destes deveres e proibições.

Em nosso artigo, queremos defender que esse cenário presente em graus distintos nas comunidades cristãs se deve fundamentalmente ao progressivo esquecimento do vínculo entre catequese, liturgia e ética, desde o século V até o Concílio Vaticano II. Ao mesmo tempo, queremos propor que o apelo conciliar de “volta às fontes” tem sido uma oportunidade do resgate desse vínculo perdido. Por fim, argumentaremos que a Mistagogia não pode ser reduzida ao seu aspecto litúrgico-sacramental. Enquanto expressão

privilegiada dos processos de Iniciação à Vida Cristã, a Mistagogia tem um papel insubstituível para a formação existencial-ética do Povo de Deus.¹

1. A formação ética nos processos de Iniciação à Vida Cristã: breves acenos históricos

Em linhas gerais, podemos afirmar que, até o século V a Iniciação à Vida Cristã compreendia, com algumas variações locais, as seguintes etapas: a) o *kerygma* para despertar a fé e a conversão; b) o *catecumenato* para o aprofundamento da experiência cristã; c) a *iluminação* com a preparação imediata e celebração dos sacramentos da iniciação (Batismo-Crisma-Eucaristia); e d) a *mistagogia* para aprofundar os mistérios celebrados.² Todo o processo iniciático se valia da leitura tipológica das Sagradas Escrituras e da *didaké*, o ensinamento ético, em perspectiva escatológica.³

A Iniciação à Vida Cristã marcava a vida, não apenas dos neófitos, mas de toda a comunidade cristã. Todo o processo, nesse período, consistia em propiciar aos que estavam sendo iniciados uma experiência orante e ética com o mistério de Cristo, já vivido pela comunidade cristã. Orante porque marcada pela oração comunitária, em torno às celebrações litúrgico-sacramentais, e pela provocação à oração pessoal. Ética porque a Iniciação à Vida Cristã visava verificar o compromisso existencial do candidato, através de suas ações cotidianas, testemunhado pelo catequista e pela própria comunidade. Importa salientar que a dimensão ética da fé cristã se encontrava profundamente relacionada à experiência de mergulho no mistério de Cristo, de tal forma que se remetiam mutuamente.

Além disso, os processos iniciáticos patrísticos mantêm em contínua relação de interdependência a valorização dos sinais (signos, gestos, símbolos, palavras), a interpretação dos ritos à luz da Sagrada Escritura e da História da Salvação, e a abertura ao compromisso ético junto à comunidade cristã.⁴ Em suma, a Iniciação à Vida Cristã se caracterizava por ser uma *evocação* e *invocação* do mistério de Jesus de Nazaré ao conduzir a uma memória

¹ MENDES, S. G., Liturgia e Moral Sexual, p. 75-178.

² CAVALLOTTO, G., Iniziazione Cristiana e catecumenato, p. 8-62; IBÁÑEZ, J. A. A. Iniciación Cristiana; FLORISTÁN, C., Para comprender el catecumenado, p. 20-21.

³ MURPHY, F. X., The background to a history of patristic moral thought, p. 49-85.

⁴ SARTORE, D., Catequesis y liturgia, p. 328.

viva da plenitude da história da salvação que nele se revelou, e produzindo a identificação progressiva com sua pessoa e missão.

Tal estrutura pastoral era *provocação* porque propunha ao iniciado cristão que ele se reconhecesse unido ao mistério de Cristo, num movimento centrípeto e movido pelo Espírito a um movimento centrífugo de difusão do dom da salvação recebido, por meio da sua profissão de fé, experiência litúrgica e vivência ética. Era, também, *convocação* porque, através dela, a comunidade cristã se reunia para celebrar, viver e transmitir a experiência com o mistério de Cristo. É dessa experiência fundante que brota e cresce a comunidade dos fiéis.

Desse modo, é possível afirmar que, neste período, o propósito de toda experiência sacramental era tornar o interlocutor um “sacramento vivo”, que participa do Corpo de Cristo que é a Igreja, “sacramento de salvação”⁵ que transforma o mundo. Agostinho de Hipona, por exemplo, ao falar sobre a Eucaristia, afirmava: “se vocês a recebem com boas disposições, se tornam aquilo mesmo que vocês receberam.”⁶ Também dizia: “sejam o que vocês veem e recebam o que vocês são”.⁷

Assim, como Agostinho, vários expoentes do período patrístico insistem nessa transformação ética da pessoa, a partir do mergulho litúrgico-sacramental no mistério de Deus. Teodoro de Mopsuéstia entende a oração do Pai Nosso não apenas como palavras, mas como um movimento que conduz ao amor e à prática do bem.⁸ João Crisóstomo defende que toda boa obra do cristão é um efeito do Batismo e expressão do desejo pelos bens futuros.⁹ Cirilo de Jerusalém, a partir de sua catequese mistagógica sobre a Crisma, a relaciona ao “irresistível” crescimento da pessoa na santidade de vida, que tem claras conotações éticas.¹⁰

Todos estes testemunhos, nos fazem perceber como, no processo de Iniciação à Vida Cristã realizado no período patrístico, a dimensão moral e social é consequência incontornável do acolhimento ao querigma cristão e fruto da experiência litúrgica; é o resultado de uma exigência da inserção em

⁵ LG 1, 9; SC 26; GS 42.

⁶ AGUSTÍN DE HIPONA, El sacramento de la Eucaristía (Sermón 227,1), p. 285.

⁷ AGUSTÍN DE HIPONA, Alocución a los neófitos (Sermón 272), p. 768.

⁸ MAZZA, E., La mistagogia, p. 65.

⁹ MAZZA, E., La mistagogia, p. 132.

¹⁰ CIRILO DE JERUSALÉN; JUAN DE JERUSALÉN, Catequesis de la iniciación cristiana, p. 119.

Cristo e do dom do Espírito Santo, que encontra na caridade a sua mais plena realização.¹¹

Gradualmente assistiremos um declínio desta estrutura pastoral até o seu total desaparecimento. Ao longo da Idade Média até a vigília do Vaticano II, o catecumenato praticamente não existe, prevalecendo a estrutura pastoral do batismo de crianças. Neste contexto, o processo de Iniciação à Vida Cristã acontece, sobretudo, no ambiente familiar que está bastante marcado pela dimensão religiosa cristã. A partir da Reforma Protestante, o magistério católico começa a compreender que é preciso propor uma renovação. Tal renovação, que se inicia com a celebração do Concílio de Trento, levará o Concílio Vaticano II a propor a restauração do catecumenato.

Em vários momentos, o Concílio Vaticano II irá se pronunciar sobre a relevância dessa restauração, propondo uma catequese mais alimentada pelas Sagradas Escrituras e em estreito vínculo com a liturgia sacramental. No Decreto *Ad Gentes*, por exemplo, afirma:

O catecumenato não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação e uma aprendizagem de toda a vida cristã; prolongada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem com Cristo seu mestre. Por conseguinte, sejam os catecúmenos convenientemente iniciados no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos, e com ritos sagrados, a celebrar em tempos sucessivos, sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus. Em seguida, libertos do poder das trevas pelos sacramentos da iniciação cristã, mortos com Cristo e com Ele sepultados e ressuscitados recebem o Espírito de adoção de filhos e celebram com todo o Povo de Deus o memorial da morte e ressurreição do Senhor.¹²

Aparecem aqui claramente as fontes que alimentam a Iniciação à Vida Cristã: “uma conveniente iniciação aos mistérios da salvação” e à “vida da fé”, que são revelados pelas Sagradas Escrituras, celebrados através da liturgia sacramental e aprofundados pela Tradição; e a “prática dos costumes evangélicos” e da “caridade”, a ética que brota da fé em Jesus Ressuscitado.

Na mesma direção, a assembleia sinodal dos Bispos, em 1971, ao falar sobre a justiça no mundo, propõe:

¹¹ SARTORE, D., *Catequesis y Liturgia*, p. 323.

¹² AG 14.

A Liturgia, como coração da vida da Igreja à qual nós presidimos, pode ajudar muito na educação para a justiça. Ela é, com efeito, uma ação de graças ao Pai, em Cristo, que nos coloca diante dos olhos, pela sua forma comunitária, os vínculos da fraternidade e nos recorda incessantemente a missão da Igreja. A Liturgia da Palavra, a catequese e a celebração dos Sacramentos têm, realmente, o condão de nos fazer encontrar a doutrina dos Profetas, do Senhor e dos Apóstolos, sobre a justiça. A preparação para o Batismo é o começo da formação da consciência cristã. A prática da Penitência há de tornar patente a dimensão social do pecado e do sacramento. A Eucaristia, finalmente, constitui a comunidade e põe-na ao serviço dos homens.¹³

A afirmação de tal vínculo entre catequese, liturgia e ética encontra, em 1972, na publicação do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, um momento de suma importância. No rito de entrada no catecumenato, por exemplo, encontramos a seguinte sugestão de alocução para aquele que preside a celebração:

A vida eterna consiste em conhecermos o verdadeiro Deus e Jesus Cristo, que ele enviou. Ressuscitando dos mortos, Jesus foi constituído, por Deus, Senhor da vida e de todas as coisas, visíveis e invisíveis. Se vocês querem ser discípulos seus e membros da Igreja, é preciso que vocês **sejam instruídos em toda a verdade revelada por ele**; que **aprendam a ter os mesmos sentimentos de Jesus Cristo** e procurem **viver segundo os preceitos do Evangelho**; e, portanto, que vocês **amem o Senhor Deus e o próximo como Cristo nos mandou fazer**, dando-nos o exemplo.¹⁴

Nesta alocução explicita-se a relação entre catequese (“instruídos em toda a verdade”), liturgia (“aprendam a ter os mesmos sentimentos de Jesus Cristo” dentro do contexto de um rito litúrgico) e ética (viver segundo os preceitos do Evangelho... amem o Senhor Deus e o próximo). Ora, o vínculo entre catequese, liturgia e ética não é mais do que reafirmar a inseparabilidade entre culto e ética defendida pelos profetas do Antigo Testamento (Is 1,1-17; Jr 6,20; 7,21-23; Os 6,6; Am 5,21-27; Mq 6,6-8; Sl 50, 12-15) e pelo próprio Jesus (Mt 9,13; Mc 7,6-7).

¹³ SÍNODO DOS BISPOS, A justiça no mundo, cap. III.

¹⁴ RICA 76. Negrito nosso.

Além do RICA, a reforma da liturgia eucarística empreendida pelo Concílio Vaticano II, também buscou assegurar este vínculo entre fé professada, celebrada e vivida. Várias anáforas estão construídas a partir da ideia de uma “dupla epiclese”. Na primeira, epiclese sobre os dons, a assembleia litúrgica pede que o Espírito Santo transforme os dons do pão e do vinho no Corpo e Sangue do Senhor Jesus. Na segunda, os que oram, realizam a epiclese sobre os comungantes reunidos em assembleia, para que eles se tornem, pela ação do mesmo Espírito Santo, um só Corpo em Cristo.¹⁵

Ora, nessa segunda epiclese reafirma-se que o *telos* da Eucaristia é sermos configurados a Cristo, pela ação do Espírito, para que ofereçamos nossos próprios corpos pela salvação do mundo “com Cristo, por Cristo e em Cristo” para a glória de Deus Pai. Essa oferta de si é outra forma de compreender que a ética cristã é fundamentalmente uma ética do amor.

O Catecismo da Igreja Católica de 1992 tomou como base o conhecido axioma, atribuído a Próspero de Aquitânia (+455), *lex orandi, lex credendi, lex agendi*, demonstrando que, desde as origens até hoje, a Igreja afirma o vínculo intrínseco entre o culto e a ética. Naturalmente que esse vínculo supõe a catequese porque a ela compete esclarecer, nomear e indicar os significados mais profundos da oração, da profissão de fé e da vida ética.¹⁶ No Catecismo, com efeito, se diz que “a catequese litúrgica visa introduzir no mistério de Cristo (ela é ‘mistagogia’), partindo do visível para o invisível, do significante para o significado, dos ‘sacramentos’ para os ‘mistérios.’”¹⁷

2. A formação ética e a catequese mistagógica

O Concílio Vaticano II pediu uma renovação da Teologia Moral a partir de três orientações fundamentais: o resgate da tradição bíblica, o acento

¹⁵ Na Oração Eucarística III, por exemplo, se diz: “olhai com bondade a oferenda da vossa Igreja, reconhecei o sacrifício que nos reconcilia convosco e concedei que, alimentando-nos com o Corpo e o Sangue do vosso Filho, sejamos repletos do Espírito Santo e nos tornemos em Cristo um só corpo e um só espírito” (MISSAL ROMANO, p. 484). Na Oração Eucarística IV se diz: “olhai, com bondade, o sacrifício que destes à vossa Igreja e concedei aos que vamos participar do mesmo pão e do mesmo cálice que, reunidos pelo Espírito Santo num só corpo, nos tornemos em Cristo um sacrifício vivo para o louvor da vossa glória” (MISSAL ROMANO, p. 492). Na Oração Eucarística V se diz: “e, quando recebermos pão e vinho, o Corpo e Sangue dele oferecidos, o Espírito nos una num só corpo, para sermos um só povo em seu amor” (MISSAL ROMANO, p. 498).

¹⁶ CIgC 2558.

¹⁷ CIgC 1075.

na História da Salvação e o vínculo com a liturgia.¹⁸ Vê-se aqui como uma catequese mais mistagógica responde plenamente a esse tríplice apelo.

A ética cristã, com efeito, se orienta à salvação oferecida e realizada por Cristo, pela ação do Espírito Santo. Se por um lado é acertado dizer que uma das dimensões da salvação é relativa ao indivíduo, em função das opções fundamentais realizadas ao longo de sua existência, nas quais ou a pessoa se abriu à ação do Espírito de Cristo ou se fechou a tais apelos divinos; por outro lado, é ainda mais verdadeiro, que a orientação da vida individual em direção à salvação cristã, passa necessariamente pelo compromisso para com a salvação do próximo. Ninguém se salva sozinho: em Cristo, com Cristo e por Cristo somos salvos ao nos identificarmos com sua pessoa e sua missão salvífica. É o amor a Deus e ao próximo que, em última palavra, nos configura a Cristo e nos insere na dinâmica salvífica da Trindade. Por isso conclui com razão o Papa Francisco: “a verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros”.¹⁹

Sendo a liturgia “cume e fonte” da atividade da Igreja,²⁰ Marciano Vidal considera que ela oferece à moral cristã os critérios para autoavaliar-se e abrir-se a dimensões cada vez mais autênticas. Além disso, pelo fato de a liturgia fazer reiterada memória e presencialização do mistério pascal de Cristo, toda a comunidade cristã recebe novamente de Cristo o Espírito Santo, um novo Pentecostes para que ela prossiga a sua missão apostólica e missionária. É através do Espírito Santo que é possível a cada cristão agir com Cristo, por Cristo e em Cristo.²¹

Ora, considerando que no seio da Trindade o Espírito Santo é o amor que une o Pai ao Filho, não é diferente o que ele realiza na comunidade cristã. Onde está o Espírito Santo aí está o amor. É pelo amor, com efeito que somos identificados verdadeiramente como cristãos: “nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). Sem o amor despertado pelo Espírito em nossos corações é impossível atingir o núcleo da ética cristã. Nada mais distante dessa verdade do que a arrogante pretensão de uma ética pelagiana e voluntarista, na qual o acento está no indivíduo e não no amor e no serviço ao próximo.

¹⁸ OT 16.

¹⁹ EG 80.

²⁰ SC 10.

²¹ VIDAL, M., Nueva moral fundamental, p. 610-611.

Um grande desafio para o potencial de formação ética da catequese mistagógica é uma certa crise por que passam muitas comunidades cristãs, nas quais a vida litúrgica parece ter pouquíssima influência sobre a vida ética e vice-versa, ou seja, uma separação entre o culto e a vida. A liturgia, nesses casos, tende a ser confinada ou reduzida a um ritualismo superficial, sinalizando que os processos de Iniciação à Vida Cristã dos batizados que formam a comunidade não deram os frutos esperados. Temos, assim, a situação de diversas comunidades cristãs onde os batizados não são suficientemente evangelizados.²²

Outra questão fundamental é considerar a própria compreensão que se tem da catequese. É lamentável que ainda perdure em alguns meios católicos a redução da catequese à transmissão de verdades. Se a catequese é assim compreendida, a própria compreensão da ética e da moral cristãs daí decorrentes também são afetadas, porque estas acabariam sendo compreendidas como um tipo de conhecimento sobre normas, mandamentos e proibições. O Papa Francisco critica explicitamente esse reducionismo na transmissão da fé:

A fé tem necessidade de um âmbito onde se possa testemunhar e comunicar, e que o mesmo seja adequado e proporcionado ao que se comunica. Para transmitir um conteúdo meramente doutrinal, uma ideia, talvez bastasse um livro ou a repetição de uma mensagem oral; mas aquilo que se comunica na Igreja, o que se transmite na sua Tradição viva é a luz nova que nasce do encontro com o Deus vivo, uma luz que toca a pessoa no seu íntimo, no coração, envolvendo a sua mente, vontade e afetividade, abrindo-a a relações vivas na comunhão com Deus e com os outros. Para se transmitir tal plenitude, existe um meio especial que põe em jogo a pessoa inteira: corpo e espírito, interioridade e relações. Este meio são os sacramentos celebrados na liturgia da Igreja: neles, comunica-se uma memória encarnada, ligada aos lugares e épocas da vida, associada com todos os sentidos; neles, a pessoa é envolvida, como membro de um sujeito vivo, num tecido de relações comunitárias.²³

É especialmente através de uma catequese mais mistagógica que os significados das palavras, dos gestos, dos símbolos, das orações e dos cantos em torno às ações litúrgicas vão sendo cada vez mais profundamente compreendidos, absorvidos, saboreados. As metáforas, as comparações e a

²² EG 14.

²³ LF 40.

tipologia bíblica exercem aí um papel fundamental de formar não apenas as mentes, mas principalmente o coração, os afetos, a imaginação, despertando o desejo de seguimento de Jesus nas camadas mais profundas da pessoa humana.²⁴

Sendo a ética cristã um desdobramento da experiência com o mistério da salvação manifestado plenamente em Cristo Jesus, entende-se que a existência cristã em sua integralidade é um fruto dos sacramentos da iniciação cristã, o Batismo, a Crisma e a Eucaristia. Toda a vida da Igreja brota desses três sacramentos fundamentais. Até mesmo os demais sacramentos a esses três estão referidos.²⁵ Daí se conclui que a catequese mistagógica é uma necessidade não apenas dos catecúmenos e catequizandos, mas de toda a comunidade cristã, porque é aqui que ela não apenas renova sua resposta ao chamado divino, mas também reencontra as motivações profundas para o compromisso com os valores do Reino de Deus. É nesse voltar-se contínuo às fontes da fé que a Igreja que oferece a iniciação (*Ecclesia semper initiante*) também se renova (*Ecclesia semper initianda*).²⁶

De fato, a Igreja-Mãe tem por missão primeira, através da catequese e de tudo o que cerca a iniciação cristã, formar novos filhos. Daqui decorre que a catequese não objetiva simplesmente formar novos “fiéis”, mas novos “filhos”. Uma catequese que acentue demasiadamente a linguagem verbal-conceitual em detrimento da linguagem litúrgico-simbólica corre o risco de colocar o indivíduo à margem de Deus, afastando-o de sua condição mais originária de filho no Filho.²⁷ Trata-se de reconhecer que a iniciação aos mistérios da fé cristã proposta pela catequese não é simples falar “sobre” Deus, mas um falar “com ele”, “nele”, “por ele” e “para ele”.

É eloquente a esse respeito a compreensão que Agostinho de Hipona tem de que a função da catequese não é apenas de doutrinar, ensinar ou refletir, mas sobretudo de mover e comover os ouvintes à renovação da própria vida pela adesão ao Senhor. Diz ele a Deogratias: “exponha todas as coisas de tal modo que aqueles que te escutem, escutando creiam, crendo esperem e esperando amem.”²⁸

²⁴ CERVERA, J.C., *Iniciación Cristiana*, p.715; NEUNHEUSER, B., *Misterio*, p. 1322.

²⁵ CERVERA, J. C., *Iniciación Cristiana*, p. 707.

²⁶ OÑATIBIA, I., *Bautismo y Confirmación*, p. 6; FLORISTÁN, C., *Para comprender el catecumenado*, p. 23.

²⁷ CHAUVET, L. M., *Symbole et sacrament*, p. 37-47.

²⁸ AGUSTÍN DE HIPONA, *La catequesis de los principiantes*, 4,8, p. 460.

É nesse horizonte da experiência do mistério de Deus que a catequese pode iluminar o sentido de toda a vida da comunidade e das diversas pastorais existentes nela, apresentando-as como fruto de uma progressiva configuração a Cristo, expressão da identificação pessoal e comunitária com sua missão salvífica.

Vê-se aqui também o vínculo estreito entre catequese mistagógica e pastoral. As ações pastorais da comunidade são uma das expressões privilegiadas do testemunho cristão de seguimento do Cristo no mundo, elas ajudam o catecúmeno e o catequizando a experimentar os frutos, as ressonâncias daquele mistério salvífico em que ele está sendo introduzido. Indica-lhe que a vida ética dos cristãos é um verdadeiro culto espiritual (Rm 12,1; Ef 3,3).

3. A Mistagogia como experiência ética do Mistério Cristão

Deixando-se guiar pelas indicações acerca da Iniciação à Vida Cristã do Documento de Aparecida,²⁹ a CNBB propõe a Iniciação à Vida Cristã, não simplesmente como um método catequético, mas sim, como um paradigma que orienta toda a vida pastoral de uma comunidade, nos desafiando, assim, a propor um caminho de formação permanente que seja capaz de suscitar a experiência do Mistério de Cristo na vida de toda a comunidade e, não somente, na vida dos que estão sendo iniciados.³⁰

A síntese entre Palavra, liturgia e vida provoca o discernimento como método da comunidade cristã para compreender os desafios do momento presente e responder a eles à luz do Mistério de Cristo, crido, celebrado e vivenciado. Nesse sentido, a mistagogia não será entendida somente como um tempo do processo de Iniciação à Vida Cristã de alguns interlocutores, mas como uma realidade que permeia toda a vida pastoral de uma comunidade de fé.

A fé não se reduz a uma adesão a uma grande ideia, nem se exprime numa decisão ou num comportamento ético. O Papa Bento XVI afirma que: “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo.”³¹ A fé cristã se qualifica como acontecimento, como encontro real e vivo com Cristo que dá à existência um

²⁹ Sobre a visão do Documento de Aparecida, neste campo, ver: MORAES, A.; CALANDRO, E., A Iniciação à Vida Cristã a partir de Aparecida, p. 1-21.

³⁰ CNBB, Doc. 107, p. 64-69.

³¹ DCE 1.

novo horizonte de valores e uma nova orientação prática. Neste sentido, a mistagogia será o conjunto de ações realizadas pela comunidade que tenha o objetivo de introduzir cada um dos seus membros, de maneira progressiva e sempre mais íntima, no conhecimento e na experiência do Mistério de Cristo.

O caminho de fé não é somente abertura da inteligência a Cristo, mas é um ingresso progressivo no Mistério da salvação. Sendo assim, toda a comunidade será convidada a unir-se e palmear as estradas da fé. Introduzindo neste caminho os novos interlocutores e aprofundando o percurso daqueles que já caminham. Toda a sua vida pastoral é “iniciação”, é atualização contínua do encontro com o Mistério de Cristo.

O atual contexto sociorreligioso dá muito valor à experiência. Tal sensibilidade representa um importante desafio para nossas estruturas pastorais muito baseadas no conhecimento dos conteúdos de fé, mas pouco familiarizadas com a experiência religiosa. O paradigma da Iniciação à Vida Cristã aqui se apresenta como uma possível resposta do ponto de vista teórico-prático. É preciso compreender melhor o que é especificamente uma experiência mística cristã e, dentro deste quadro, redescobrir o autêntico valor da liturgia como um modo novo de relacionar-se com a realidade.

Falando sobre a Eucaristia, Bento XVI assim se expressa sobre a experiência mística cristã:

A Eucaristia arrasta-nos no ato oblativo de Jesus. Não é só de modo estático que recebemos o *Logos* encarnado, mas ficamos envolvidos na dinâmica da sua doação. [...] A “mística” do Sacramento, que se funda no abaixamento de Deus até nós, é de um alcance muito diverso e conduz muito mais alto do que qualquer mística elevação do homem poderia realizar. [...] A “mística» do Sacramento tem um caráter social, porque, na comunhão sacramental, eu fico unido ao Senhor como todos os demais comungantes: “Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão” — diz São Paulo (*1 Cor* 10, 17). A união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele Se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-Lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou tornarão Seus. A comunhão tira-me para fora de mim mesmo projetando-me para Ele e, deste modo, também para a união com todos os cristãos. Tornamo-nos “um só corpo”, fundidos todos numa única existência. O amor a Deus e o amor ao próximo estão agora verdadeiramente juntos: o Deus encarnado atrai-nos todos a Si.³²

³² DCE 13-14.

Nas palavras de Bento XVI, percebemos a urgência de superar a fratura existente entre fé e vida, entre fé crida e fé testemunhada através da fé celebrada. A afirmação do Concílio Vaticano II de que a liturgia, ainda que não esgote “toda a ação da Igreja [...], é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força,”³³ é uma indicação pastoral de fundamental importância neste campo. Bento XVI afirma que:

Fé, culto e *ethos* compenetraram-se mutuamente como uma única realidade que se configura no encontro com a *ágape* de Deus. Aqui, a habitual contraposição entre culto e ética simplesmente desaparece. No próprio “culto”, na comunhão eucarística, está contido o ser amado e o amar, por sua vez, os outros. Uma Eucaristia que não se traduza em amor concretamente vivido, é em si mesma fragmentária.³⁴

Os verdadeiros processos de Iniciação à Vida Cristã se exprimem num tríptico múnus: anunciar a Palavra (*kerygma-martyria*), celebrar os mistérios da fé (*leitourgia*) e servir na caridade (*diakonia*). São tarefas que se interrelacionam e que não podem estar separadas na vivência cristã. Nesta tríade, a *lex orandi* se apresenta como ponte e elo de ligação entre a *lex credendi* e a *lex vivendi*, entre verdade e história, entre pensamento e ação e se apresenta como lugar gerador de ética.³⁵

Compreendemos, assim, que a Iniciação à Vida Cristã é acolhimento e disponibilidade em deixar-se conduzir pelo Mistério de Cristo, numa duplicidade de formas mistagógicas: a primeira de tipo litúrgico-sacramental; e a segunda de tipo existencial-vital. Estas duas formas de mistagogia manifestam duas exigências fundamentais: a) sublinhar o primado e a centralidade da liturgia e das ações sacramentais na vida cristã; e b) permitir o desenvolvimento da ação litúrgico-sacramental numa multiplicidade de caminhos espirituais e em uma série diversificada de expressões éticas.

Estas duas formas de mistagogia se relacionam entre si segundo o princípio de unidade na distinção. Elas implicam uma experiência do Mistério diversa, mas complementar. A litúrgico-sacramental faz referência ao aspecto objetivo, cristológico-ecclesial do Mistério; enquanto a existencial-vital faz referência ao aspecto subjetivo, ético-moral da pessoa.

³³ SC 9-10.

³⁴ DCE 14.

³⁵ SCa 34.

Nesse sentido, um processo mistagógico proporia a liturgia como espaço de interação entre a objetividade da experiência de fé, em Cristo e a imersão pessoal de cada sujeito, feita da capacidade de traduzir na própria experiência de vida, em peculiares atitudes éticas, a ação salvífica de Deus. As duas perspectivas, porém, não se desenvolvem paralelamente, mas estão em contínua interação porque o Mistério de Cristo é um, ainda que seja capaz de se manifestar em modos diferentes. A principal finalidade de ambas as perspectivas é inserir sempre mais a pessoa na ação salvadora de Deus, mediante um crescimento humano e cristão de cada cristão e da comunidade como um todo.

Do ponto de vista metodológico, elas se relacionam porque, em níveis distintos, tem como objetivo realizar a unidade da pessoa através da sua correspondência com a ortodoxia, a ortopraxia e a ortopatia. Um percurso mistagógico chama em causa o desenvolvimento na pessoa e na comunidade das suas disposições ortodoxas, entendidas como respeito às verdades da fé; das suas disposições ortopráticas, entendidas como respeito ao correto agir; e das suas disposições ortopáticas, entendidas como o correto modo de sentir e de viver os seus afetos em perspectiva cristã. É no curso do desenvolvimento de cada uma destas disposições que o Mistério de Cristo pode ser expresso ou, infelizmente, obstaculado.

Enquanto experiência existencial-vital, a mistagogia está orientada a perceber a presença de Deus na vida cotidiana e atuar seu plano divino de salvação na concretude da história, contribuindo, assim, para uma experiência de fé integral mediante a interação entre fé professada, celebrada e vivida. Fazer experiência do Mistério de Cristo não se refere somente ao aspecto litúrgico, mas se relaciona, também, com o aspecto ético da vida cristã.

A Constituição Pastoral *Gaudium et spes* buscou afirmar o princípio teológico de que o mistério do Verbo encarnado é a revelação suprema do mistério de Deus e do mistério da pessoa humana.³⁶ A identidade humana e cristã de cada pessoa está profundamente marcada pela Pessoa e pelo Mistério de Cristo. Ele, enquanto “imagem do Deus invisível, primogênito de toda criatura” (Col 2,15), é a figura exemplar e o protótipo da pessoa humana, o espelho no qual a pessoa humana vê o rosto de Deus, ao mesmo tempo que vê reflexa a sua imagem. Entrando em relação com Cristo, a pessoa humana contempla o rosto misterioso de Deus e descobre a sua identidade reconhecendo-se imagem da imagem de Deus.

³⁶ GS 22.

Tal perspectiva cristocêntrica, que encontra o seu fundamento bíblico tanto no pensamento paulino, quanto no pensamento joaneu, sublinha o primado de Cristo na criação (Cl 2,17) e o primado do seu Mistério Pascal na história da salvação. Existe uma relação originária e constitutiva de cada pessoa humana com Cristo. Cabe à catequese mistagógica buscar coligar o evento histórico de Cristo, necessariamente limitado no tempo e no espaço, com esta dimensão de paradigma para toda pessoa humana, num exercício de equilíbrio entre a singularidade de Cristo e a universalidade da sua salvação.

O reconhecimento de tal estrutura crística da pessoa humana é o conteúdo fundamental e ponto de referência de todo o processo mistagógico. A prática mistagógica está ancorada no reconhecimento de que, em cada situação da vida humana, é possível fazer uma experiência de Cristo e, através dele, do Deus Vivente. Como Cristo é verdadeiramente humano e agiu humanamente, nenhuma experiência humana é estranha a Ele. Toda a vida humana torna-se lugar de encontro com Ele.

A pessoa de Cristo é a porta de acesso a Deus Pai, a via principal para superar as cisões entre profissão de fé e vida cotidiana, um dos mais graves erros do nosso tempo.³⁷ Como o Pai está no Filho e o Filho no Pai, assim, por analogia, e não por identidade, a pessoa humana está em Cristo. Cristo é o fundamento de uma nova humanidade, numa conformação que não se limita somente ao plano intelectual, mas envolve toda a pessoa mediante a renovação de sua afetividade e da sua corporeidade.

A catequese mistagógica buscará prolongar na vida cotidiana o contato sacramental com Cristo, fazendo frutificar nas concretas situações da vida a graça recebida nos sacramentos. A catequese mistagógica se caracteriza como uma pedagogia a serviço da vida, porque entende favorecer o processo vital da progressiva conformação da vida de Cristo na nossa vida. A fé cristã é um contato, um encontro pessoal, uma transmissão e uma geração de vida, um explorar a vida, um despertar da vida.

Conclusão

Na conclusão deste artigo, é necessário reconhecer que vivemos um tempo bastante fecundo para a Iniciação à Vida Cristã. Contudo, apesar das louváveis e variadas iniciativas de inúmeras comunidades de fé e de uma grande quantidade

³⁷ GS 43.

de catequistas, agentes de pastoral, catequizandos e catecúmenos, a transmissão da fé, em sua dimensão ética sofre abalos não apenas pelas fragilidades internas à Igreja, mas também pelos desafios postos pelos tempos atuais.

Aqueles e aquelas que foram introduzidos ao Mistério de Cristo nem sempre conseguem articular da maneira justa a fé professada com a fé praticada. Isto nos indica, naturalmente, que a recuperação da inspiração catecumenal da catequese passa por revisão de métodos e planos, mas, em primeiro lugar, pelo resgate da consciência de que ela não visa primeiramente transmitir verdades, mas criar as condições para um encontro existencial entre interlocutores e a mensagem de Jesus de Nazaré. A qualidade dos processos iniciáticos cristãos estará relacionada com o favorecimento ou não deste encontro existencial. Daí nossa insistência sobre o necessário resgate da catequese mistagógica, onde mistagogia deve ser entendida em sua dupla dimensão: litúrgico-sacramental e existencial-vivencial.

Aqueles e aquelas que encontram o Cristo, que se deixam olhar por Ele, serão irresistivelmente atraídos para sua dinâmica amorosa. Daí a ética brota não como obrigação, mas como expressão de um coração que deseja cada vez mais amar como é amado por Cristo e como Cristo ama.

O Concílio nos convida a redescobrir como a Liturgia é fonte e cume da vida cristã, abrindo a estrada para uma catequese mistagógica que supere o simples ensinamento de normas e exortações parenéticas e superando o moralismo que desfigura, sobretudo em nossos dias, a face mais bela do Cristianismo.

Referências bibliográficas

AGUSTÍN DE HIPONA. Alocución a los neófitos (Sermón 272). In: SAN AGUSTÍN. **Obras completas de San Agustín**. Vol XXIV – Sermones (4º) 184-272B – Sermones sobre los tiempos litúrgicos. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1983, p. 766-769.

AGUSTÍN DE HIPONA. El sacramento de la Eucaristía (Sermón 227). In: SAN AGUSTÍN. **Obras completas de San Agustín**. Vol XXIV – Sermones (4º) 184-272B – Sermones sobre los tiempos litúrgicos. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1983, p. 285-288.

AGUSTÍN DE HIPONA. La catequesis de los principiantes. In: SAN AGUSTÍN. **Escritos varios (I)**. Vol. XXXIX. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1988, p. 448-534.

BENTO XVI, PP. **Carta Encíclica *Deus Caritas Est* sobre o amor cristão.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 24 ago. 2022.

BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis* sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html. Acesso em: 24 ago. 2022.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html. Acesso em: 24 ago. 2022.

CAVALLOTTO, G. (Org.). **Iniziazione cristiana e catecumenato: Diventari cristiani per essere battezzati.** Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 1996.

CERVERA, J.C. Iniciación Cristiana. In: DE FIORES, S.; GOFFI, T. **Nuevo diccionario de Espiritualidad.** 2ª ed. Madrid: Paulinas, 1983, p. 706-721.

CHAUVET, L. **Symbole et sacrement: une relecture sacramentelle de l'existence chrétienne.** Paris: Les Éditions du Cerf, 1988. (Collection Cogitatio Fidei, 144)

CIRILO DE JERUSALÉN; JUAN DE JERUSALÉN. **Catequesis de la iniciación cristiana.** 3ª ed. Buenos Aires: Lumen, 2003.

CNBB. **Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários.** Brasília: Edições CNBB, 2017. Doc. 107.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia.** Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 24 ago. 2022.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja.** Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 24 ago. 2022.

CONCILIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.** Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 24 ago. 2022.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Decreto *Ad Gentes*: sobre a atividade missionária da Igreja.** Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html. Acesso em: 25 ago. 2022.

FEDERICI, T. La mistagogia della Chiesa. In: ANCILLI, E. **Mistagogia e direzione spirituale.** Roma: Pontificio Istituto di spiritualita del Teresianum; Milão: Ed. O.R., 1985, p. 194-196 (Collana della “Rivista di vita spirituale”, n. 18).

FLORISTÁN, C. **Para comprender el catecumenado.** Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 1989.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Lumen Fidei.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html. Acesso em: 25 ago. 2022.

GERARDI, R. Mistagogia. In: PACOMIO, L. (Ed.) **Léxicon Dicionário Teológico Enciclopédico.** São Paulo: Loyola, 2003, p. 497.

IBÁÑEZ, J. A. A. Iniciación Cristiana. In: PEDROSA, M. V.; SASTRE, J.; BERZOSA, R. (Dir.) **Diccionario de Pastoral y Evangelización.** Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2001. (Diccionarios “MC”). Versão digital para e-Sword. Não paginado.

MAZZA, E. **La mistagogia:** Le catechesi liturgiche della fine del quarto secolo e il loro metodo. 2a ed. Roma: C.L.V./Edizioni Liturgiche, 1996.

MENDES, S. G. **Liturgia e Moral Sexual:** As implicações éticas de uma aproximação mistagógica ao Ritual de Iniciação Cristã de Adultos. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2015. (Tese doutoral)

MISSAL ROMANO. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1991.

MORAES, A.; CALANDRO, E. A Iniciação à Vida Cristã a partir de Aparecida: perspectivas catequéticas após o primeiro decênio da Conferência. **Pesquisas em Teologia.** v. 1, n. 1, p. 1-21, ago./dez. 2018.

MURPHY, Francis X. The background to a history of patristic moral thought. **Studia Moralia,** n. 1, p. 49-85, 1963.

NEUNHEUSER, B. Misterio. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. **Nuevo diccionario de liturgia.** Vol. II. 2a ed. Madrid: Paulinas, 1987, p. 1321-1342.

OÑATIBIA, I. **Bautismo y Confirmación:** Sacramentos de iniciación.

Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2000. (Sapientia Fidei. Serie de Manuales de Teología)

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SARTORE, D. Catequesis y liturgia. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. (Dir.) **Nuevo diccionario de Liturgia**. 2a ed. Madrid: Paulinas, 1987, p. 319-332.

SÍNODO DOS BISPOS. **A justiça no mundo**. Vaticano, 1971. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_19711130_g

[iustizia_po.html](#). Acesso em 26 ago. 2022.

VIDAL, M. **Nueva moral fundamental**: el hogar teológico de la Ética. 2a ed. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2000.

Abimar Oliveira Moraes

Doutor em Teologia pela Pontificia Universita Salesiana – Roma – Itália
Docente do Departamento de Teologia na Pontificia Universidade Católica do
Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: abimar@puc-rio.br

Sérgio Gonçalves Mendes

Doutor em Teologia pela Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Docente do Departamento de Teologia na Pontificia Universidade Católica do
Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: sergiomendes2008@gmail.com

Recebido em: 29/08/2022

Aprovado em: 27/10/2022